

# O bom augúrio da Coruja

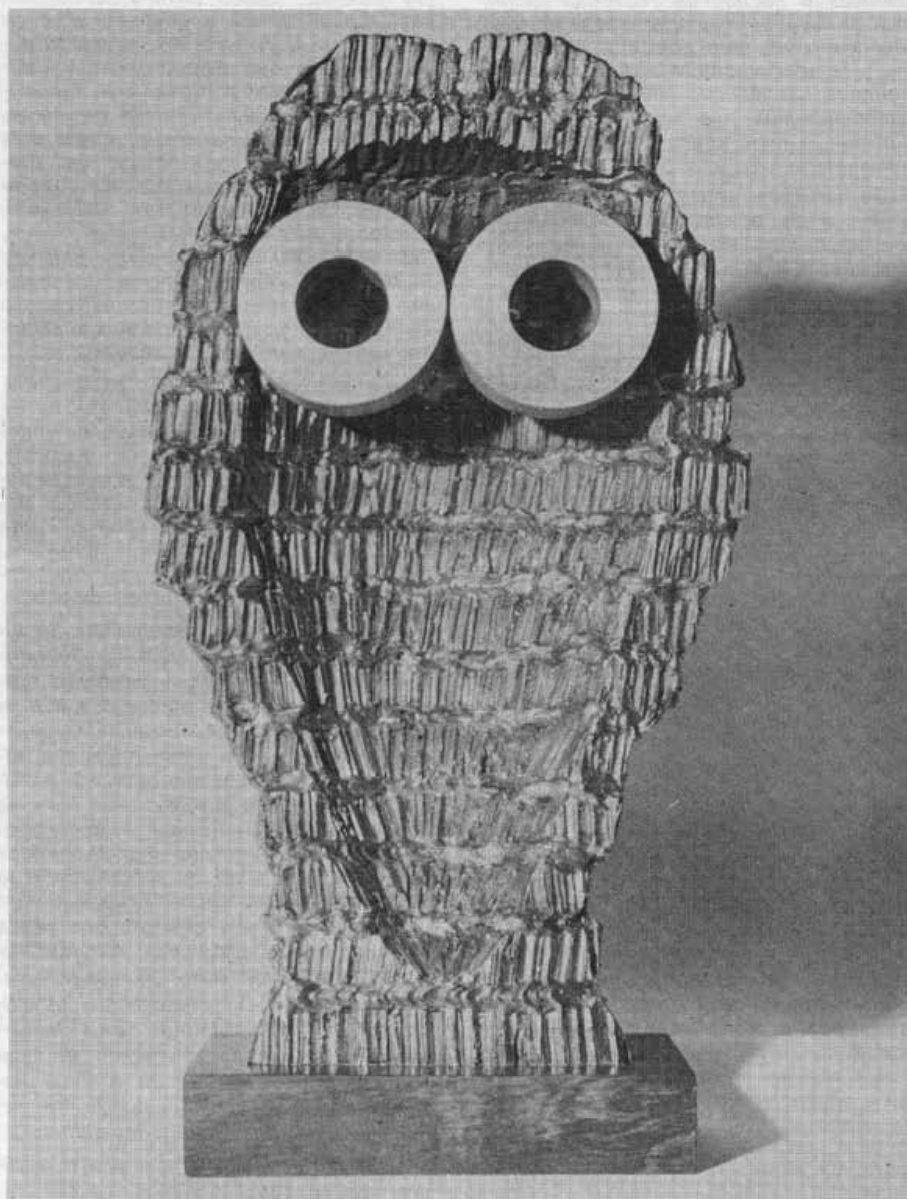
Abdias Rodrigues

**Trinta centímetros de altura. Cinco quilos. Esculpida em metal à base de bronze, banhado a ouro, com base de madeira.**

**É a Coruja de Ouro.**

**O troféu, instituído pela Resolução 43 do INC, tornou-se a imagem do reconhecimento do talento dos artistas e técnicos que se projetam como os "melhores do ano", na longa-metragem, elevando o prestígio do cinema brasileiro.**

**A Coruja de Ouro é uma criação do escultor Maurício Salgueiro, elaborada a convite do INC. O Conselho Deliberativo promulgou a Resolução 43 em 11 de setembro de 1970, depois de estudar a pesquisa realizada por Abdias Rodrigues por determinação da Direção do Instituto. No trabalho a seguir, o pesquisador diz o porquê da Coruja. FC**



Quando a Administração do INC nos incumbiu de uma pesquisa sobre os pássaros do Brasil, em 1970, a fim de que fosse encontrada uma ave com características adequadas ao troféu destinado aos melhores técnicos e artistas do cinema de longa-metragem, pensamos de imediato na coruja, aliás citada pelos Diretores da Autarquia, juntamente com o bem-te-vi, o beija-flor e a araponga. Relacionamos várias aves, inclusive a arara, a andorinha e o picapau. Nenhuma, entretanto, sobrepujou a coruja, ave benfeitora, considerada pelos gregos, desde a Antiguidade, como símbolo da meditação e da sabedoria.

Entre nós, diz Eduardo Sequeira, "uma superstição tola, sem razão alguma de ser, liga horrores ao mocho, à coruja e a todas as aves de presa noturnas", e, em consequência, "fazem guerra atroz a essas aves beneméritas, que só vivem para nos fazer bem". As corujas, especialmente as noturnas, sempre inspiraram certa repulsão mesclada de terror. O aspecto de seus olhos arregalados, olheiras penugentas, parece revelar uma vida de orgias noturnas, de noitadas gastas em diabólicos "sabbats". O costume que têm algumas espécies, de habitar as torres de igrejas,

os cemitérios, as taperas, as casas meio desmornadas, o oco das gameleiras (onde a imaginação popular assegura ser o pouso favorito do caipora) aumenta ainda mais o terror dos supersticiosos.

Como se isso não bastasse, a sua voz possui entoações que dizem "macabras", soa aos ouvidos pávidos como o gargalhar dos duendes. Ao ouvir a sardônica "risada", ora ululante, ora áspera, os supersticiosos lançam esconjuros no silêncio da noite.

É evidentemente um gesto insensato de pavor. Ao saírem de seus refúgios, onde cochilaram gostosamente durante o dia, como é seu hábito, elas saúdam a beleza da noite. É curioso observar que as idéias supersticiosas sobre as corujas são quase universais. Mas não se concebe que alguém ainda creia nos maus augúrios destas aves. Utilíssimas e inofensivas, elas devem ser estimadas e protegidas. Prestam serviços notáveis ao homem, em especial ao lavrador. Dão caça a ratos, a morcegos hematófagos e a outros, comedores de frutas, assim como a um grande número de insetos crepusculares. O papel das corujas no combate à rataria dos campos e florestas ainda não foi devidamente apreciado. Convém lembrar que a família dos "murideos autoctones" do Brasil constitui uma legião tão grande (diz Goeldi) que embaraça até os especialistas. São os ratos-do-mato, o rato-de-taquara, etc. Só um gênero, o "hesperomys", conta 76 espécies. Conhecendo-se a espantosa capacidade de proliferação dos ratos, é fácil imaginar os perigos que correm as plantações.

De 15 em 15 anos, às vezes de 18 em 18, florescem e frutificam as taquaras e, com a abundância destas sementes, parece brotar da terra um aluvião de ratazanas atraídas pela fartura do alimento. Plantações

e tulhas são invadidas e a desolação baixaria sobre os campos, se os gaviões e caborés, de dia, e as corujas, à noite, atraídos por uma caça que por certo lhes sabe muito bem, não aparecessem como verdadeiro fator de equilíbrio biológico e com o mais louvável dos apetites.

Lund, ao visitar uma gruta em Minas, perto do arraial da Cachoeira do Campo, foi tomado de admiração pela superabundância de despojos de animais. Enchendo um caixão com a terra retirada dessa gruta, só aí encontrou dois mil maxilares de ratos, além de outros despojos. Procurando descobrir quais seriam os habitantes destas cavernas, verificou, com seus próprios olhos, que era o pouso predileto da suindara, coruja que os zoólogos denominam hoje "strix flammes perlata". Na distribuição das aves pela face da Terra, ficou o Brasil com a parte do leão: nada menos de 1.600 espécies das 7.220, que Salater diz existirem no mundo. Mas a coruja se presta mais que qualquer outra a símbolo da reflexão e da sabedoria que devem presidir ao ato altivo da seleção.